

Musicoterapia durante a Hemodiálise: Uma Revisão de Literatura

Music Therapy during Hemodialysis: a Literature Review

Musicoterapia durante la Hemodiálisis: una Revisión de la Literatura

Lucila de Paz Ferrini¹, Rita de Cássia dos Reis Moura²

1.Pós-Graduanda em Musicoterapia Aplicada, Departamento de Música, Faculdade Santa Marcelina, São Paulo-SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5528-0781>

2.Doutorado pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Coordenadora e Professora do curso de Pós-Graduação em Musicoterapia Aplicada, Departamento de Música, Faculdade Santa Marcelina, São Paulo-SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0150-7586>

Resumo

Introdução. Entre algumas comorbidades o paciente com doença renal crônica (DRC), vivenciará mudança de rotina e na capacidade de autonomia, medo, ansiedade, depressão, fadiga e comprometimento cognitivo. No Brasil, em julho de 2017, havia 126.583 portadores DRC. **Objetivo.** Apresentar uma revisão da literatura sobre as intervenções mais utilizadas e realizadas pela Musicoterapia durante o tratamento de hemodiálise. **Método.** O levantamento bibliográfico estruturou-se em publicações encontradas nas bases de dados Scielo, Bireme, Pubmed, Google Scholar com palavras chaves: hemodialysis music therapy no período de 2016 a 2020. **Resultados.** Foram nove artigos – oito direcionados à população adulta e apenas um voltado para unidade de hemodiálise pediátrica. Desse total, seis trabalhos foram realizados por profissionais da saúde, e apenas três por musicoterapeutas. **Conclusão.** A musicoterapia pode promover conforto, acolhimento, redução de estresse e promover otimização de tempo. Todas as pesquisas utilizaram música de forma receptiva, a maioria aplicada por profissionais da área da saúde, somente dois estudos conduzidos musicoterapeutas. Podemos concluir que ainda se encontra pouca produção científica realizada por musicoterapeutas em unidades de hemodiálise, sobretudo pediátrica.

Unitermos. Musicoterapia; hemodiálise; música; ansiedade; depressão

Abstract

Introduction. Among some comorbidities, the patient with chronic kidney disease (CKD) will experience a change in routine and in the capacity for autonomy, fear, anxiety, depression, fatigue, and cognitive impairment. In Brazil, in July 2017, there were 126,583 CKD patients.

Objective. To present a literature review on the most used and performed interventions by Music Therapy during the treatment of hemodialysis. **Method.** The bibliographic survey was structured in publications found in the Scielo, Bireme, Pubmed, Google Scholar databases in the period with keywords: hemodialysis music therapy in the period from 2016 to 2020.

Results: There were nine articles - eight aimed at the adult population and only one aimed at the pediatric hemodialysis unit. Of this total, six studies were carried out by health professionals, and only three by music therapists. **Conclusion.** Music therapy can support comfort, welcome, stress reduction and promote time optimization. All the researches used music in a receptive way, the majority applied by health professionals, only two studies conducted by music therapists. We can conclude that there is still little scientific production carried out by music therapists in hemodialysis units, especially pediatric ones.

Keywords. Hemodialysis; music therapy; anxiety; music; depression

Resumen

Introducción. Entre algunas comorbilidades, el paciente con enfermedad renal crónica (ERC) experimentará un cambio en la rutina y en la capacidad de autonomía, miedo, ansiedad, depresión, fatiga y deterioro cognitivo. En Brasil, en julio de 2017, había 126.583 pacientes con ERC. **Objetivo.** Presentar una revisión de la literatura sobre las intervenciones más utilizadas y realizadas por la Musicoterapia durante el tratamiento de la hemodiálisis. **Método.** La encuesta bibliográfica se estructuró en publicaciones encontradas en las bases de datos Scielo, Bireme, Pubmed, Google Scholar en el período con palabras clave: hemodiálisis musicoterapia en el período de 2016 a 2020. **Resultados.** Fueron nueve artículos - ocho dirigidos a población adulta y solo uno dirigido a la unidad de hemodiálisis pediátrica. De este total, seis estudios fueron realizados por profesionales de la salud y solo tres por musicoterapeutas. **Conclusión.** La musicoterapia puede promover la comodidad, la bienvenida, la reducción del estrés y promover la optimización del tiempo. Todas las investigaciones utilizaron la música de forma receptiva, la mayoría aplicada por profesionales de la salud, solo dos estudios realizados por musicoterapeutas. Podemos concluir que aún existe poca producción científica realizada por los musicoterapeutas en las unidades de hemodiálisis, especialmente las pediátricas.

Palabras clave. Musicoterapia; hemodiálisis; música; ansiedad; depresión

O Trabalho foi realizado na Faculdade Santa Marcelina, São Paulo-SP, Brasil.

Conflito de interesse: não

Recebido em: 08/12/2020

Aceito em: 15/03/2021

Endereço de correspondência: Rita de Cássia dos Reis Moura, R. Motuca 77. CEP 04109-100. Aclimação. São Paulo-SP, Brasil. Email: rita.moura@santamarcelina.edu.br

INTRODUÇÃO

A doença renal crônica (DRC) é uma lesão com perda progressiva e irreversível da função dos rins, provocando acúmulo de substâncias como a ureia e a creatinina, acompanhadas ou não da diminuição da diurese¹. No Brasil, em 2017, havia 126.583 portadores de DRC^{2,3}.

Ao receber o diagnóstico de DRC, além da possibilidade de desenvolver diabetes e hipertensão, o paciente vivenciará mudança de rotina e na capacidade de autonomia, medo, ansiedade, depressão, fadiga e comprometimento cognitivo. Por essa razão, incluir práticas terapêuticas complementares aos tratamentos de saúde convencionais, colaboram significativamente para melhora da qualidade de vida (QV) desses pacientes^{4,5}.

Desde 2016, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece e adiciona Práticas Integrativas e Complementares (PIC) no Sistema Único de Saúde (SUS), dentre elas a Musicoterapia⁶.

A Musicoterapia é uma ciência que utiliza como principais ferramentas a música e os fenômenos acústicos, com objetivo de promover, prevenir ou reabilitar as funções motoras, cognitivas e afetivas dos indivíduos. Os elementos sonoros e a expressão musical, verbal e corporal manifestadas a partir desse processo passam a ser os pontos de partida para a ação musicoterapêutica⁷. A musicoterapia pode ser aplicada em atendimento individual ou em grupos, nas comunidades, organizações, instituições de saúde e como ferramenta de transformação de contextos sociais e comunitários⁸.

A Musicoterapia pode promover alterações físicas através da diminuição da resposta do sistema nervoso autônomo (SNA), modulando respostas comportamentais, psicológicas e sociais, repercutindo na melhora da resposta ao tratamento do paciente com DRC e consequentemente na QV⁹. Este recurso pode ser aplicado na área da saúde como uma intervenção de baixo custo, não farmacológica e não invasiva, se apresentando como uma importante ferramenta para melhora das condições de saúde e bem-estar dos pacientes com DRC, independentemente da faixa etária¹⁰.

O Objetivo desse trabalho foi realizar uma revisão de literatura, destacando o período de janeiro de 2016 a março de 2020, sobre as intervenções mais utilizadas e realizadas

pela Musicoterapia durante o tratamento de hemodiálise (HD).

MÉTODO

O levantamento da literatura (no período citado) estruturou-se em publicações encontradas nas bases de dados Scielo, Pubmed, Lilacs, *Google* e *Google Scholar*, bem como em livros, dissertações e teses. Os descritores utilizados nas bases de dados foram “hemodialysis music therapy”, “hemodialysis anxiety music”, “hemodialysis music depression”, “musicoterapia hemodiálise”, “música hemodiálise ansiedade”, “música hemodiálise depressão”. Citações e fontes bibliográficas pesquisadas nos direcionaram à pesquisa de novos materiais.

Foram incluídas publicações em língua portuguesa, inglesa, francesa e espanhola com referências a propostas de intervenção dentro do serviço de HD pediátrica ou para adultos, sendo estas realizadas por musicoterapeuta ou profissionais de outras áreas.

RESULTADOS

Encontramos nove artigos publicados no período de agosto de 2017 até março de 2020 adequados aos critérios de inclusão. Oito se dedicaram à pesquisa em população adulta (a partir de 18 anos de idade) e um foi realizado em unidade de HD pediátrica.

Desse total de nove artigos, cinco abordam intervenções musicais praticadas por músicos ou profissionais da saúde; dois voltados à intervenção musicoterapêutica; um dedicado a revisão bibliográfica e outro a revisão sistemática. Dos nove artigos levantados, cinco foram realizados no Brasil.

Estudo publicado por Innocencio *et al.*¹¹ avaliaram a resposta emocional de pacientes dialíticos à terapia com música como ferramenta de humanização. Participaram do estudo pacientes com idade igual ou superior a 18 anos, sem transtornos psiquiátricos ou qualquer deficiência, com nível de consciência preservado e com desejo de ouvir música durante as sessões de HD.

As intervenções foram realizadas por estudantes e professores do curso de medicina, por meio de projeto humanitário de pesquisa e extensão. Esses pesquisadores possuíam conhecimentos musicais e para instrumentação utilizaram voz, teclado, violão, violino e escaleta. A música era executada ao vivo e para todos os presentes na sala de HD. O repertório foi constituído por música popular, choro, gospel e erudita. As sessões tinham duração de 60 minutos e frequência semanal, ocorrendo durante cinco semanas consecutivas.

Após a última semana de intervenção, os pacientes foram avaliados com relação a situações emocionais, nível de relaxamento, percepção do tempo, lembranças e reflexão sobre suas vidas, meio de recreação, resiliência e esperança. Os resultados mostraram que o relaxamento físico

proporcionado pela escuta musical contribuiu para a diminuição de dor e tensões durante a HD. A percepção do tempo foi compreendida como “acelerada” e houve ativação de memórias afetivas.

Estudo de 2017, de Shabandokht-Zarmi *et al.*¹², examinaram o efeito calmante da música e a diminuição da sensação de dor no momento de punção da fistula em 114 pacientes em HD. Para participar do estudo, os pacientes deveriam realizar HD há pelo menos 3 meses e manifestar desejo de ouvir música durante as sessões. Os participantes não deveriam possuir histórico de comprometimento cognitivo e mental ou fazer uso de analgésicos antes do início da sessão de HD.

Os pacientes foram divididos em três grupos: grupo da audição musical (grupo A: músicas favoritas dentro do repertório escolhido pelos pesquisadores, em fones de ouvido); grupo fones de ouvido (grupo B: fones de ouvido sem qualquer som); e grupo controle (grupo C: sem intervenção além da HD). Os pesquisadores que proporcionaram essa escuta integravam departamentos de medicina e enfermagem de diversas universidades. Todos os pacientes utilizaram fones de ouvido para os diferentes grupos.

A sensação de dor e sua intensidade relacionadas à punção da fistula foram medidas imediatamente após a intervenção. O resultado apresentou diferença com relação a dor no momento da punção na comparação feita entre os grupos A e C, bem como entre os grupos A e B. Entre os

grupos B e C não houve diferença. Concluiu-se que as músicas favoritas de cada paciente possuem efeito calmante e aliviam a dor no momento de inserção da agulha da fístula.

Pesquisa de Melo *et al.*¹³ avaliou o efeito terapêutico da música na ansiedade e nos parâmetros clínicos em pacientes com DRC comparados àqueles que recebem atendimento convencional em clínicas de HD. Dividiu os 60 pacientes em 2 grupos: grupo controle (GC) e grupo experimental (GE). O GC não recebeu intervenções além da HD; o GE ouviu, por 30 minutos, a música “As quatro estações”, de Vivaldi, através de fones de ouvido conectados a um aparelho de MP3 *player*.

O estudo mostrou que pacientes do GE tiveram redução significativa de níveis de ansiedade e melhora das frequências cardíacas e respiratórias após a intervenção musical. No GC, por sua vez, os níveis de ansiedade pioraram ou se mantiveram iguais. A pesquisa reconheceu que a obra musical utilizada não faz parte da escuta musical da maioria dos pacientes, que possuem nacionalidade brasileira. Além disso, enfatizam que o uso da música pela equipe de enfermagem não caracteriza intervenção musicoterapêutica, já que, para tanto, é necessária formação específica e aprofundada na área.

Tanquerel *et al.*¹⁴ apresentaram trabalho utilizando música e arte em unidade de HD pediátrica. Participaram oito crianças e jovens com idade entre 18 meses e 19 anos. Além disso, familiares, cuidadores e equipe de saúde composta por

enfermeiros, auxiliares e nefrologistas também integraram essa prática.

As intervenções ocorreram uma ou duas vezes por semana durante as sessões de HD e tinham duração de 90 minutos cada. Os pacientes tinham liberdade para escolher quando e como participar – ora cantando, tocando um instrumento, usando o corpo ou compondo uma canção, ora como espectadoras. O hospital também foi considerado ambiente de criação, fornecendo paisagens sonoras e visuais para a composição de um espetáculo. O objetivo foi uma apresentação musical para a comunidade, com participação dos integrantes da equipe de saúde, pacientes, cuidadores e familiares.

Através de entrevistas e observação dos participantes, constatou-se que as crianças e jovens demonstraram grande adesão às práticas e melhor compreensão sobre o ambiente hospitalar e suas patologias, além de consolidação de vínculo com a equipe de cuidado e sensações positivas. Composições musicais e produção de texto proporcionaram aos pacientes pediátricos expressar suas emoções, sentimentos e experiências.

Hagemann *et al.*¹⁵ avaliaram a QV e os sintomas depressivos antes e depois das intervenções musicoterapêuticas em 23 pacientes com diagnóstico de DRC terminal, com idade igual a superior a 18 anos em HD. Foram oito sessões de musicoterapia receptiva, com frequência de duas vezes por semana e duração média de 75 minutos cada. As sessões eram realizadas sempre na primeira metade do

período de quatro horas da HD. Foram utilizados pela musicoterapeuta a voz e o violão como ferramentas de intervenção. A musicoterapia demonstrou ter papel importante no que se refere à melhora de QV e redução significativa dos sintomas de depressão.

Schmidt⁴ destaca a importância e desafio da equipe multidisciplinar para manutenção da qualidade de vida em pacientes com DRC. Aponta o trabalho de Hagemann *et al*¹⁵., indicando o efeito da intervenção musicoterapêutica com redução de 75% nos registros de intercorrências durante as sessões de HD comparadas àquelas sem intervenção. Além disso, a percepção dos pacientes no que se refere à passagem do tempo foi compreendida como “acelerada” em 79% dos casos, bem como houve prevalência de sentimentos positivos durante as sessões de HD quando nas intervenções musicoterapêuticas.

Para Schmidt⁴, pesquisas sobre QV auxiliam na compreensão sobre quais aspectos são mais impactados em cada patologia. Além disso, a multidisciplinaridade é relevante no tratamento de DRC por meio de práticas, inseridas na rotina do paciente, que abordam depressão e promovem QV de maneira eficaz¹⁶.

Burrai *et al.*¹⁷ utilizaram música ao vivo (canto) em pacientes em HD. As músicas eram cantadas por uma enfermeira com conhecimentos musicais. As intervenções ocorreram durante seis semanas consecutivas. Foram selecionados 24 pacientes com diagnóstico de doença renal

terminal e idade acima de 18 anos, sem comprometimento auditivo ou transtornos psiquiátricos.

Os pacientes foram divididos em dois grupos: grupo A ouviu 15 minutos de música durante as sessões, ao passo que o grupo B foi submetido à HD padrão. Após um período de intervalo de dois dias, os grupos foram invertidos. As intervenções contribuíram para melhora dos parâmetros clínicos (pressão arterial sistólica e diastólica), melhora da qualidade do sono, redução de cãibras, bem como de ansiedade/depressão, dor e coceira.

Natale *et al.*¹⁸ apresentaram, em 2019, resultados de revisão sistemática com o objetivo de comparar diferentes intervenções cuja finalidade era melhorar a qualidade de sono em pessoas com doença renal crônica. Foram encontrados 67 estudos envolvendo 3.427 adultos e nenhum envolvendo crianças.

As intervenções incluíram técnicas de relaxamento, exercício, acupuntura, terapia cognitivo-comportamental (CBT), intervenções educativas, benzodiazepínicos de tratamento, agonistas dopaminérgicos, suporte por telefone, melatonina, reflexologia, luz terapia, diferentes formas de diálise peritoneal, música, aromaterapia e massagem. Os autores compararam, aos pares, as intervenções citadas, com o intuito de observar se uma se sobressaía beneficamente à outra. De acordo com o artigo, os estudos e intervenções foram aplicados em pequena amostra, com poucas informações e não apresentaram clareza sobre os benefícios.

Kishida *et al.*¹⁹ publicaram, em 2019, um estudo multicêntrico realizado em cinco clínicas de HD ambulatorial. Os pacientes tinham idade acima de 20 anos e nenhum transtorno psiquiátrico ou psicológico. Por meio de questionários, descobriu-se que o maior desconforto era a sensação dolorosa durante a canulação, dessa forma, o estudo objetivou diminuir esse desconforto, promover relaxamento e diminuir a ansiedade.

A técnica utilizada foi a musicoterapia receptiva. Para tanto, adotou-se o uso de *tablets* PC e fones de ouvido com a função de cancelamento de ruído. Os participantes vivenciaram três momentos distintos em que a sequência de acontecimentos era alternada.

No primeiro momento, não ouviam nada. No segundo momento, ouviam ruído branco, determinado por um som que comprehende a mesma intensidade de todas as frequências contidas na audição humana (de 1 a 22 KHz). O ruído branco não pode ser definido como música, já que não possui elementos básicos desta – como melodia, harmonia e ritmo. Por isso, foi escolhido como condição controle, a fim de isolar o efeito do uso de fones de ouvido (efeito *Headphones*) e o efeito de estímulo de audição com som (efeito *Sound*). No terceiro momento, os pacientes ouviram a música “Sonata em Ré Maior para dois pianos” de Mozart (K 448). Os autores reconhecem a importância de considerar as músicas favoritas dos pacientes, porém optaram por utilizar a Sonata devido a obra estar presente em estudos anteriores que abordaram o uso da musicoterapia.

Cada período de avaliação durou uma semana, incluindo três diálises e dois períodos para que, dessa forma, os pacientes fossem avaliados por seis conjuntos de variáveis de resultado (três no período da música e outros três no período do ruído branco). Os resultados primários consideraram melhora dos parâmetros clínicos (pressão arterial e frequência cardíaca) e a conclusão foi que a musicoterapia diminui a dor durante a canulação.

DISCUSSÃO

A princípio, nosso levantamento abarcou o período entre 2016 e março de 2020. Entretanto, não encontramos literatura na área nos anos de 2016 e 2020. Sendo assim, o estudo apresentado se limitou aos anos de 2017 a 2019.

No que diz respeito aos aspectos que os estudos se propuseram a avaliar, encontramos: efeito analgésico da música (quatro estudos), nível de depressão (quatro estudos), nível de ansiedade (três estudos), qualidade do sono (dois estudos); parâmetros clínicos: frequência cardíaca e respiratória (três estudos), respostas emocionais (um estudo) e grau de socialização e expressividade (um estudo) e percepção otimizada do tempo de terapia (dois estudos). Dentre os quatro estudos que se propuseram a avaliar o efeito analgésico a partir da música, um deles associou esse ao efeito calmante proporcionado pela música.

Como se pode depreender da descrição, algumas das pesquisas avaliaram mais de um aspecto

concomitantemente. Com relação aos distintos resultados, encontramos diminuição de quadro doloroso, redução dos sintomas de ansiedade e depressão, melhora nos parâmetros clínicos, sensação de relaxamento e bem-estar, promoção de integração e socialização, resgate de memórias afetivas, melhora de qualidade de sono, otimização do tempo de terapia, melhora de qualidade de vida e autoexpressão.

Podemos atentar que a revisão sistemática realizada por Natale *et al.*¹⁸, aponta que os resultados não foram satisfatórios para utilização de música. Porém salientamos que se trata de um panorama geral que considera diferentes tipos de práticas que promovam bem-estar e melhorem a qualidade de sono dos pacientes portadores de DRC, mas que não cita, especificamente, intervenção musicoterapêutica e enfatiza que os estudos foram realizados com pequenas amostras.

Considerando as intervenções práticas, cinco foram realizadas por músicos ou profissionais da saúde com conhecimentos musicais, utilizando a música como veículo de promoção de bem-estar. Apenas em duas pesquisas, a intervenção prática foi realizada por musicoterapeutas; nesses dois casos, os profissionais se utilizaram de musicoterapia receptiva (música ao vivo - voz e violão) e o uso de equipamentos eletrônicos para veicular música erudita). Consideramos ser fundamental investigar a melhor maneira de intervir por meio da musicoterapia receptiva, se através de música ao vivo ou gravada^{15,19}.

Notamos que parâmetros como dor, ansiedade e depressão são os objetivos mais presentes nas pesquisas levantadas; esses sinais e sintomas se apresentam como relevantes para a intervenção musicoterapêutica. Somente um dos artigos também avaliou a associação desses com parâmetros clínicos, indicativo de dados confiáveis e importantes para avaliação dos benefícios terapêuticos que podem ser alcançados pela intervenção¹⁹.

Estudo destaca a importância do uso da musicoterapia em diversas áreas da medicina, como oncologia pediátrica, cuidados paliativos, psiquiatria ou cirurgia. Enfatiza seu objetivo artístico e não musicoterapêutico, já que os profissionais envolvidos não possuem formação na área¹⁴.

Os trabalhos que associam cuidados em saúde à prática musical foram realizados predominantemente por diversos profissionais da área da saúde. Essa lacuna aumenta consideravelmente quando incorporamos à pesquisa temas relacionados à musicoterapia na HD pediátrica.

O Brasil mostrou-se pesquisador em potencial do tema. Encontramos cinco estudos, dos quais dois realizados por musicoterapeutas. Além disso, acompanhado pelo Irã, foi o único país que mencionou inclusão ou exclusão de pacientes analfabetos, realidade presente nos dois países^{12,13}.

Em 2018, 6,8% dos analfabetos brasileiros tinham idade superior a 15 anos; 7,2% tinham mais de 25 anos; 11,5% tinham idade acima de 40 anos; e 18,6% tinham idade superior a 60 anos²⁰. Considerando o alto índice de analfabetismo no país, a faixa etária dos participantes da

pesquisa de Melo *et al.*¹³ e as adversidades e comorbidades enfrentadas diariamente por pacientes com DRC, acreditamos que a substituição de tal prática pelo auxílio dos pesquisadores no momento de preenchimento de questionários e avaliações é a medida mais adequada. Dessa forma, torna-se possível a inclusão, o acolhimento, o aumento do número de pacientes atendidos e de resultados positivos durante o tratamento.

Estudo salienta que os usuários do serviço de HD dão importância ao ambiente de realização do procedimento e este é relacionado ao conforto proporcionado no espaço e não só ao que diz respeito aos procedimentos técnicos. As queixas estão relacionadas ao barulho na sala HD, ao ambiente considerado muito frio, à falta de lazer durante o tempo em que se submetem ao tratamento²¹.

Averiguou-se em estudo comparativo de quatro experiências com distintas estimulações sensoriais e a percepção do tempo decorrido, que os valores relativos à utilização do sentido auditivo isolado obteve melhor avaliação entre todas as experiências vivenciadas²².

Neste levantamento bibliográfico, constatamos que, nas três pesquisas realizadas por musicoterapêutas – das quais duas voltadas à intervenção musicoterapêutica e uma dedicada a revisão bibliográfica, a musicoterapia demonstrou ser uma forma de terapia bastante eficiente na abordagem de pacientes renais crônicos^{4,15}. Acreditamos ainda ser pouco aplicada, sobretudo se compararmos o número de usuários de HD à quantidade de intervenções musicoterapêuticas

aplicadas a esses pacientes. A musicoterapia não apresenta qualquer efeito colateral comprovado e não é uma terapia de alto custo. Pode ser aplicada com diversos objetivos contribuindo para manutenção, reabilitação e promoção de benefícios durante a intervenção da HD.

Os artigos levantados utilizaram musicoterapia receptiva, por isso destacamos a importância de maior número de pesquisas que abordem também musicoterapia ativa e musicoterapia interativa.

CONCLUSÃO

Do total dos nove artigos encontrados apenas três foram realizados por musicoterapeutas, sendo dois deles direcionados à intervenção musicoterapêutica, e o terceiro à revisão bibliográfica. Dentre todos os artigos, apenas uma pesquisa foi realizada em HD pediátrica.

Nos artigos que mostraram intervenções musicais realizadas por profissionais da saúde, observamos diferentes objetivos terapêuticos, como avaliação do efeito analgésico, avaliação de nível de depressão, diminuição do nível de ansiedade, avaliação da qualidade do sono, avaliação da frequência cardíaca e respiratória, otimização do tempo de terapia, resposta emocional a partir do estímulo sonoro, socialização e expressividade a partir da música.

Todas as pesquisas levantadas utilizaram música de forma receptiva, a maioria aplicada por profissionais da área da saúde e somente dois estudos conduzidos por

musicoterapeutas. Os artigos apresentados por equipes de saúde citam a importância da musicoterapia, porém enfatizam que, apesar da música ser um mecanismo de promoção de bem-estar, não a definem como ferramenta de intervenção terapêutica. Dessa forma, salientamos a importância de pesquisas bem estruturadas, com amostra representativa de pacientes e realizadas por musicoterapeutas em unidades de HD.

REFERÊNCIAS

- 1.Rudnicki T. Doença renal crônica: vivência do paciente em tratamento de hemodiálise. Contextos Clín 2014;7:105-16.
<https://doi.org/10.4013/ctc.2014.71.10>
- 2.Thomé FS, Sesso RC, Lopes AA, Lugon JR, Martins CT. Inquérito Brasileiro de Diálise Crônica 2017. J Bras Nefrol 2019;41:208-14.
<https://doi.org/10.1590/2175-8239-jbn-2018-0178>
- 3.Terra FS, Costa AMDD, Ribeiro CCS, Nogueira CS, Prado JP, Costa MD, et al. O portador de insuficiência renal crônica e sua dependência ao tratamento hemodialítico: compreensão fenomenológica. Rev Bras Clin Med 2010;8:306-10.
<https://pesquisa.bvsalud.org/ripsa/resource/pt/lil-555452>
- 4.Schmidt DB. Qualidade de vida e saúde mental em pacientes em hemodiálise: um desafio para práticas multiprofissionais. J Bras Nefrol 2019;41:10-1. <https://doi.org/10.1590/2175-8239-jbn-2018-0227>
- 5.Levey AS, Atkins R, Coresh J, Cohen EP, Collins AJ, Eckardt K-U, et al. Chronic kidney disease as a global public health problem: approaches and initiatives – a position statement from Kidney Disease Improving Global Outcomes. Kidney Int 2007;72:247-59.
<https://doi.org/10.1038/sj.ki.5002343>
- 6.Santee KM, Oliveira TS, Santos TR, Lima MRG, Fernandes CNS, Pilger C. O uso da música nos serviços de saúde: uma revisão integrativa. J Nurs Health 2019;9:e199201.
<https://doi.org/10.15210/jonah.v9i2.14432>
- 7.Cunha R, Arruda M, Silva SM. Homem, música e musicoterapia. Rev InCantare 2014;1:9-26.
<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/incantare/article/view/168>
- 8.União Brasileira das Associações de Musicoterapia (endereço na internet). Definição Brasileira de Musicoterapia. (atualizado em: 2018;

- acessado em 2020). Disponível em:
<http://ubammusicoterapia.com.br/definicao-brasileira-de-musicoterapia/>
- 9.Oliveira MF, Oselame GB, Neves EB, Oliveira EM. Musicoterapia como ferramenta terapêutica no setor da saúde: uma revisão sistemática. Rev Univ Vale do Rio Verde 2014;12:871-8.
<https://doi.org/10.5892/ruvrd.v12i2.1739>
- 10.Torres MCAR, Leal CMF. Reflexões de professoras supervisoras de estágios supervisionados de Música no ambiente hospitalar: desafios e aprendizagens. Rev Fundarte 2013;13:48-58.
<http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/article/view/17>
- 11.Innocencio MFC, Carraro VM, Innocencio GTC. Resposta emocional de pacientes à terapia com música na hemodiálise: uma ferramenta de humanização. Arte Méd Ampl 2017;37:5-11.
http://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/12/876151/37-1-resposta-emocional-de-pacientes-a-terapia-com-musica-na-he_2jsWjo3.pdf
- 12.Shabandokht-Zarmi H, Bagheri-Nesami M, Shorofi SA, Mousavinasab SN. The effect of self-selected soothing music on fistula puncture-related pain in hemodialysis patients. Complement Ther Clin Pract 2017;29:53-7. <https://dx.doi.org/10.1016/j.ctcp.2017.08.002>
- 13.Melo GAA, Rodrigues AB, Firmeza MA, Grangeiro ASM, Oliveira PP, Caetano JA. Intervenção musical sobre a ansiedade e parâmetros vitais de pacientes renais crônicos: ensaio clínico randomizado. Rev Latino-Am Enferm 2018;26:e2978. <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.2123.2978>
- 14.Tanquerel M, Broux F, Louillet F, De Blasi G. The Artist at the hospital: A musical experience in pediatric hemodialysis. Arch Pediatr 2018;25:251-5. <https://doi.org/10.1016/j.arcped.2018.03.003>
- 15.Hagemann PMS, Martin LC, Neme CMB. O efeito da musicoterapia na qualidade de vida e nos sintomas de depressão de pacientes em hemodiálise. J Bras Nefrol 2019;41:74-82.
<https://doi.org/10.1590/2175-8239-jbn-2018-0023>
- 16.Carswell C, Reid J, Walsh I, McAneney H, Noble H. Implementing an arts-based intervention for patients with end-stage kidney disease whilst receiving haemodialysis: a feasibility study protocol 2019. Pilot Feasibility Stud 2019;5:1. <https://doi.org/10.1186/s40814-018-0389-y>
- 17.Burrai F, Lupi R, Luppi M, Micheluzzi V, Donati G, Lamanna G, et al. Effects of Listening to Live Singing in Patients Undergoing Hemodialysis: A Randomized Controlled Crossover Study. Biol Res Nurs 2019;21:30-8. <https://dx.doi.org/10.1177/1099800418802638>
- 18.Natale P, Ruospo M, Saglimbene VM, Palmer SC, Strippoli GFM. Interventions for improving sleep quality in people with chronic kidney disease. Cochrane Database Syst Rev 2019;5:CD012625.
<https://doi.org/10.1002/14651858.CD012625.pub2>
- 19.Kishida M, Yamada Y, Inayama E, Kitamura M, Nishino T, Ota K, et al. Effectiveness of music therapy for alleviating pain during haemodialysis access cannulation for patients undergoing

haemodialysis: a multi-facility, single-blind, randomised controlled trial. Trials 2019;20:631. <https://doi.org/10.1186/s13063-019-3773-x>

20. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (endereço na internet). Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua 2019 (acessado em 2020). Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/00e02a8bb67cdedc4fb22601ed264c00.pdf

21. Pietrovsk V, Dall'Agnol CM. Situações significativas no espaço-contexto da hemodiálise: o que dizem os usuários de um serviço? Rev Bras Enferm 2006;59:630-5. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672006000500007>

22. Duarte CAC. Marketing sensorial: a influência do sentido auditivo e olfativo na percepção do tempo de espera (Dissertação). Covilhã (Portugal): Universidade da Beira Interior, 2013. <http://hdl.handle.net/10400.6/2888>